

Editorial

O homem habita o mundo pela compreensão e pela práxis. O mundo como morada, compreensão e ação são maneiras articuladas de o ser humano vivenciar sua temporalidade. O mundo é o horizonte amplo, o estímulo para a busca constante de sentido empreendida pelo sujeito humano. A busca pela verdade, que é o projeto da reflexão filosófica, constitui-se como uma resposta balbuciante ao apelo do real. Tal resposta se articula no tempo e no espaço e, como toda ação humana, é história.

Esse empreendimento é constantemente revisitado e tem seus limites alargados também pela atividade investigativa das Ciências Humanas. Seccionadas, no passado, em diversos campos e linguagens, hoje compõem um horizonte que permite a investigação das mais variadas ordens de realidade, incluindo aí o próprio homem diante de seus saberes.

Mimesis reafirma seu projeto de se apresentar como um estímulo e apelo ao debate. Entende que se trata de evocar e desencadear uma problemática e de propor uma leitura de questões que se fazem relevantes para a cultura atual.

Nesta edição, colaboram investigadores e pensadores de expressiva presença no campo da filosofia, das ciências sociais, da arquitetura, das ciências da educação.

Em *La ética fenomenológica*, Guillermo Hoyos Vásquez nos convida a pensar, na esteira de Husserl, sobre as relações entre cultura e moral. Retoma as etapas do próprio Husserl quando refletiu sobre a ética. A primeira etapa analisa a questão dos valores e sua objetividade; na segunda, as relações entre subjetividade e cultura e, na terceira; retoma “dimensão transcendental da intencionalidade como teleologia e responsabilidade no âmbito da razão prática”. Conclui apresentando propostas de Levinas, Habermas e Tugendhat de superar o transcendentalismo com base numa psicologia fenomenológica dos sentimentos morais.

Bernard Piettre, em seu texto *Descartes et la raison devenue (de Descartes a Heidegger)*, convida-nos ao estudo de Descartes como pai do racionalismo moderno e ancestral da filosofia das luzes; em seguida, mostra-nos como se desdobra esse racionalismo na civilização do século XX, tanto na Europa quanto na América. Busca seu ponto de apoio no pensamento dos filósofos da Escola de Frankfurt, mas, sobretudo, em Heidegger e conclui indagando sobre a validade da crítica heideggeriana do racionalismo moderno. O seu caminhar nos conduz a reencontrar Aristóteles na busca do sentido do Logos, a razão antiga e seu intento na modernidade de submeter a natureza à razão humana. No segundo momento, apresenta uma densa análise do racionalismo na época contemporânea.

Luiz Fernando Acebedo Restrepo mostra, em seu estudo *El "CINVA": su entorno espacial y político*, um interessante relato e análise da experiência ocorrida, na Colômbia, nos anos 50 do século XX. Trata-se do Centro Interamericano de Vivienda, criado sob os auspícios da OEA e considerado um centro de inovação técnica para os países em desenvolvimento, especialmente na América Latina. Analisa o processo de transformação das políticas urbanistas no plano nacional e internacional e das construções populares. É uma contribuição relevante como análise crítica de uma experiência, por possibilitar estudos comparados sobre experiências similares ocorridas, no Brasil, naquele período.

Seja de modo difuso ou de modo refletido, quer sejamos profissionais liberais, políticos, cientistas, professores, empresários, filósofos, educadores ou simplesmente indivíduos comuns, todos sentimos, de modo intenso e com convicção, que estamos no limiar, ou mesmo no centro, de uma colossal revolução de nossa sociedade. Não sem certa sensação de vertigem, cada dia recebemos sinais e informações que nos permitem entrever os contornos daqueles que serão os futuros instrumentos de comunicação. A história nos ensina que os indivíduos raramente se equivocam quando qualificam uma tecnologia de revolucionária; no entanto, eles, muitas vezes, enganam-se ao tentar prever em “que” ela seria revolucionária. Não sei para onde vamos, mas sei que vamos, exclamou Paul Valéry.

Silvio Gallo, com seu texto: *Globalização, conhecimento e educação: questões políticas e epistemológicas*, e Daniela Melaré, em seu trabalho intitulado *Tecnologias da inteligência: subsídios para uma didática da construção do conhecimento na formação de professores*, encaminham suas reflexões e análises, tendo como horizonte esse cenário novo no qual vive a sociedade atualmente. Gallo distingue a globalização como fenômeno político e epistemológico,

e não meramente como um processo econômico e de mercado. Escolhe, como interlocutores, no aspecto político, Antonio Negri e Félix Guattari; e, no plano epistemológico, quando analisa o universo da informática, Paul Virilio e Pierre Lévy. De Deleuze e Guattari, empresta os conceitos de rizoma e de transversalidade. Indaga sobre as condições de se instituir uma democracia real em um mundo virtual, e o que tem a ver o processo educativo com esse projeto.

Daniela Melaré, tendo como foco o ensino da didática na formação de professores, encaminha subsídios para as metodologias de ensino e aprendizagem, analisando o que denomina a didática digital.

As investigações de ponta no campo das ciências biomédicas instauram um mundo novo para os homens nos mais diversos pontos do planeta. Realizações entendidas como benéficas, mas que, na realidade, são marcadas com o signo da ambivalência: ao mesmo tempo em que produzem efeitos benéficos, podem causar malefícios. De qualquer modo, todo o sistema de saúde e doença, das relações dos indivíduos com o sistema de saúde, e a questão das políticas públicas no campo da saúde, estão na agenda de organizações privadas ou públicas.

Geraldo Romanelli, em seu artigo *O processo saúde/doença em famílias de baixa renda e a ação do Estado*, mostra-nos as relações entre família e o estado de saúde e de doença, indagando qual a ação do Estado no que se refere aos serviços públicos de saúde. Os vínculos das famílias com o Estado se revelam no plano dos direitos de acesso aos serviços públicos de saúde. A falência desses serviços, segundo Romanelli, coloca em xeque as relações entre público e privado.

Atribui-se a Heidegger a expressão: o filósofo não pode expressar senão um ponto de vista, o seu. É plausível; deve-se reconhecer, no entanto, que jamais irá assegurar-se de que sua linguagem possa esgotar a totalidade do real. Ao contrário, inúmeras perspectivas, articulando-se em contrapontos que se fertilizam mutuamente, tecem a malha do mundo como morada dos indivíduos. Essa é a agenda das Ciências Humanas que Mimesis tenciona atualizar constantemente.

